

Afetividade x ensino remoto: que marcas queremos deixar?

Desde o primeiro dia longe das crianças, pensava em como tudo seria. Notícias cada vez mais assustadoras traziam medos e incertezas. Definitivamente, não tem sido fácil descrever o presente momento distante das crianças e da nossa rotina. Entre o alvoroço de uma sociedade que nos dizia que não poderíamos parar e com imposições burocráticas criadas para tentar manter a "normalidade", em meio a descontentamentos e incômodos, resolvi me libertar dessas "amarras" e ser o que sou como educadora. Transpondo os limites daquilo que, em geral, acreditam ser o real papel da escola, em sua função de receber diariamente as crianças, busquei uma forma de estar presente na ausência imposta pela pandemia. Pandemia esta que nos capturou momentos significativos. Foi preciso refletir e me reinventar, para transformar minha prática e deixar de lado as possibilidades e formalidades existentes no espaço físico escolar.

Propus às famílias a criação de um grupo, através de aplicativos acessíveis a todos, para que pudéssemos ressignificar a importância da criação de laços afetivos. Apresentei propostas de vivências voltadas para a sensibilidade, enriquecendo a interação e a relação família x aluno x educador. Diante disso, um outro olhar e uma outra escuta foram descobertas, valorizando o brincar e o interagir, através de memórias afetivas. Ao longo dessa trajetória enfrentei, e ainda enfrento, alguns desafios. Um deles, por exemplo, é a dificuldade que algumas famílias têm para participar dos encontros virtuais e de algumas de nossas vivências, devido ao acesso restrito à internet.

Porém, apesar de algumas dificuldades, as trocas têm sido bastante enriquecedoras e significativas.



Clique na imagem para reproduzir o vídeo



Figura 2 Confecção do material para a realização da vivência



Figura 2: Registro final da realização da vivência proposta pela professora

O registro das vivências desenvolvidas pelas crianças é essencial e tem a intenção de aperfeiçoar as práticas cotidianas e de possibilitar outras experiências a serem vividas e descobertas. Porém, essa metodologia foi ressignificada no atual cenário pandêmico. Sem muitas formalidades, como são exigidas em sala de aula, recebo diversos registros não só de vivências pedagógicas, mas também do dia a dia de cada criança. Acredito que tais registros, além de terem seu “papel pedagógico”, como mencionado anteriormente tem também um novo papel: trazem consigo a construção de laços de afetos, pertencimentos e marcas que tecerão os fios de memórias que jamais serão esquecidas. Maria Montessori, que em suas pesquisas ressaltava a importância da autonomia das crianças, afirmava, na primeira metade do século XX que: “a prova do sucesso da nossa ação educativa é a felicidade da criança.” E isso continua importante e necessário no século XXI.

Diante disso tudo, concluo que, ao retornarmos às escolas, as coisas não precisam ser exatamente como eram antes da pandemia. E não serão. O que vivemos nesse momento jamais será esquecido. E assim, vou me percebendo como uma nova pessoa e educadora, assumindo o lugar de coparticipante nos processos de aprendizagem das crianças. Ainda tenho muito a aprender com elas e elas comigo.. Mas de uma coisa tenho certeza: estou no caminho promissor de criar práticas afetivas em sintonia com as crianças, as famílias e a equipe escolar

Sobre a autora:

Ingrid Costa da Silva é professora de Educação Infantil da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, é pós- graduanda em Psicopedagogia Institucional pela AVM Candido Mendes.